COEXISTÊNCIA COM BOTOS

DIAGNÓSTICO DE CONFLITOS E COEXISTÊNCIA COM BOTOS NO BRASIL

WWF-BRASIL

Diretor Executivo
Maurício Voivodic

Diretor de Conservação
Edegar de Oliveira Rosa

Coordenador de Espécies
Marcelo Oliveira da Costa

Responsáveis técnicos
Mariana Frias – Analista de Conservação do WWF-Brasil

TEXTO
Coordenação
Mariana Menezes – Analista de Engajamento do WWF-Brasil

Redação e edição
Ana Maria Barbour – Ecatu Comunicação & Memória

Projeto gráfico, Design editorial e ilustrações
Laboota

Agradecimentos
Sociedade Para Pesquisa e Proteção do Meio Ambiente (Sapopema)

Floresta Nacional do Tapajós (FLONA Tapajós)

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio)

Comunidade Prainha I

Instituto Aqualie

O **WWF-Brasil** é uma ONG brasileira que há 28 anos atua coletivamente com parceiros da sociedade civil, academia, governos e empresas em todo país para combater a degradação socioambiental e defender a vida das pessoas e da natureza. Saiba mais em: wwf.org.br

© naturepl.com / Kevin Schafer / WWF

ÍNDICE

COEXISTÊNCIA COM BOTOS: POR QUE ISSO IMPORTA? 04

EXPERIÊNCIA PIONEIRA NA FLONA TAPAJÓS 10

AÇÕES DE COEXISTÊNCIA PARA UMA NOVA ESPÉCIE AMEAÇADA 16

PRINCIPAIS AMEAÇAS AOS GOLFINHOS DE RIO NO BRASIL 20

COEXISTÊNCIA COM BOTOS — POR QUE ISSO IMPORTA?

BOTO COR-DE-ROSA
Inia geoffrensis

TUCUXI
Sotalia fluviatilis

DISTRIBUIÇÃO DAS ESPÉCIES BOTO-COR-DE-ROSA E TUCUXI NA AMÉRICA DO SUL

Os botos, ou golfinhos de rio, são cetáceos (pequenos mamíferos aquáticos) topo da cadeia, que se alimentam de uma grande variedade de espécies de peixes, além de tartarugas e caranguejos. Isso significa que não existem predadores acima deles nos rios. Sua presença indica que a qualidade da água e do ambiente, bem como a saúde dos outros animais e plantas que ali vivem, está boa, havendo alimentos para sua sobrevivência e de todos que habitam a região, inclusive os seres humanos.

Apesar dessa importância, as espécies de boto de rio na América do Sul têm sofrido fortes ameaças e suas populações nos rios brasileiros estão em diminuição Entre as ameaças mais representativas estão a redução do estoque pesqueiro (pesca predatória) e os eventos de captura incidental ou acidental (*bycatch*) – morte por afogamento, por não conseguir voltar à superfície para respirar; a construção de barragens hidrelétricas, que causam a fragmentação populacional e redução do fluxo gênico; o desmatamento, que provoca o assoreamento dos rios; o garimpo com o despejo de metais pesados na água (principalmente mercúrio) e o despejo de esgoto, dejetos e produtos agrícolas (agrotóxicos).

OS BOTOS AMAZÔNICOS

A degradação ambiental prejudica a saúde dos rios e consequentemente as condições alimentares dos botos, uma vez que reduz e contamina os estoques pesqueiros. Para sobreviver os botos acabam "competindo" com seres humanos na busca por peixes, que são capturados em redes (principalmente malhadeiras ou redes de espera). Descontentes com o prejuízo causado pelo rompimento da malhadeira e subtração do pescado, o ser humano entra em conflito direto com os botos por retaliação ou negligência ao vê-los presos nas redes. Muitas vezes, o animal também morre acidentalmente por ficar enroscado na rede sob a água, sem conseguir voltar à superfície para respirar e sem contar com o apoio de moradores locais que o possam libertar.

Outras situações de conflito comuns são aquelas associadas aos mitos e lendas culturais que atribuem poderes místicos ao boto cor-de-rosa ou boto-vermelho como é mais conhecido pelas comunidades tradicionais ribeirinhas da Amazônia. Segundo as lendas, os animais assumem forma humana e seduzem as meninas adolescentes levando-as para o fundo das águas e devolvendo-as gestantes de um filho seu. Para se protegerem desse "encanto", pescadores levam em suas canoas farinha e alho para jogar no espiráculo dos botos (orifício respiratório localizado no topo da cabeça) ou, em situações mais drásticas, usam arma de fogo para abater os animais.

Os botos amazônicos ocorrem nas bacias dos rios Amazonas, Orinoco e Tocantins-Araguaia. No Brasil, encontramos duas espécies: o boto cor-de-rosa *(Inia geoffrensis)* também conhecido como boto-vermelho, e, o tucuxi *(Sotalia fluviatilis)* mais conhecido popularmente como o soldado do rio. O conflito homem-boto nas atividades pesqueiras está presente em toda a área de distribuição das espécies, porém poucos indicativos numéricos sobre tendência populacional, estado de saúde e interações com a pesca estão disponíveis de forma abrangente.

BOTO COR-DE-ROSA

Inia geoffrensis

Adaptado ao nado dentro da floresta alagada, igapós, igarapés e várzea, os botos cor-de-rosa apresentam grande flexibilidade corporal: é o único golfinho de rio que nada de ré e que consegue tocar a ponta do rostro (bico) na cauda fazendo um círculo, habilidade que o ajuda a mover em locais cheios de raízes subaquáticas. Essa habilidade evolutiva importante também a beneficiou na adaptação à presença das inúmeras redes de pesca ao longo dos rios às quais recorrem para obter alimento mais facilmente.

© Franco Banfi / WWF-Brasil

ALIMENTAÇÃO

Mais de

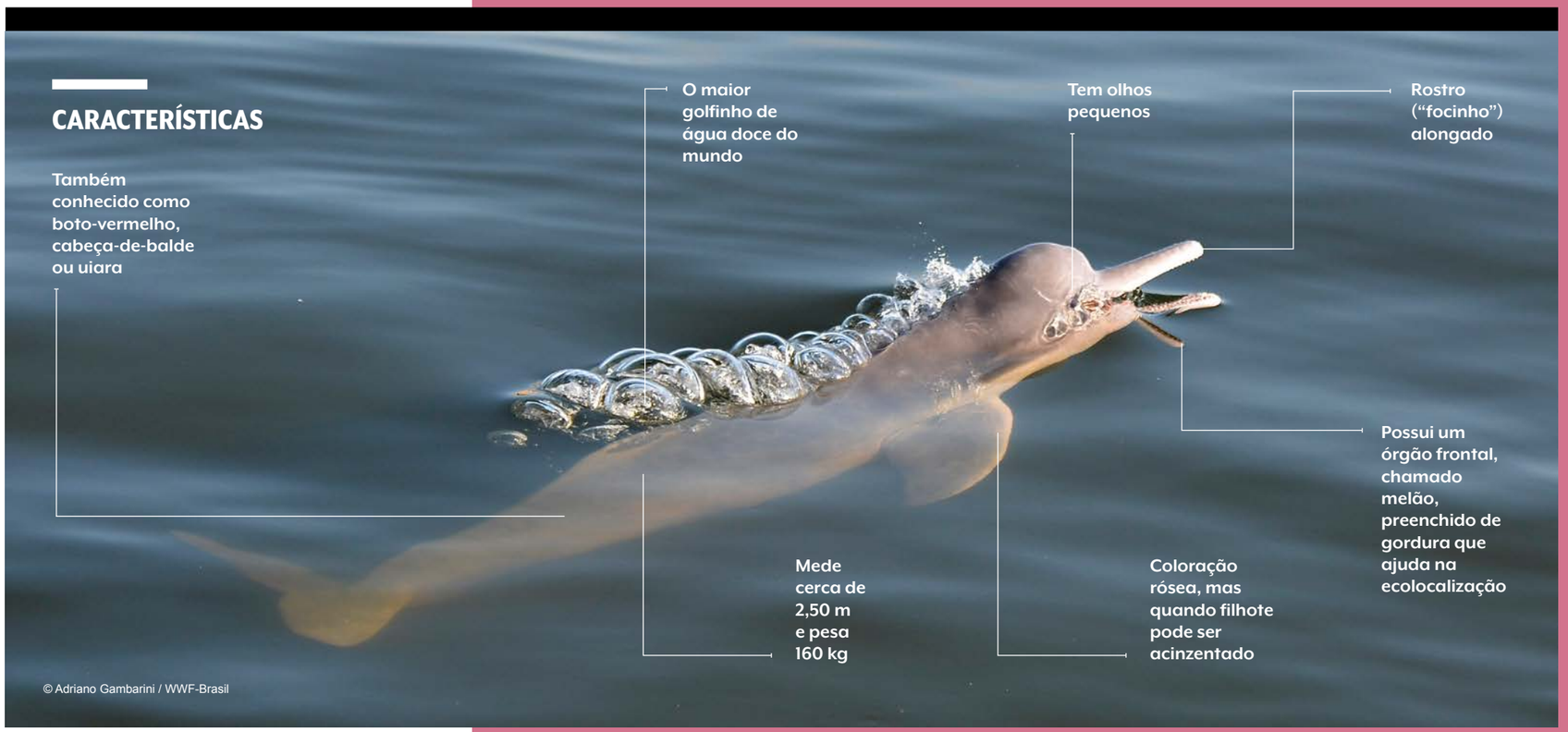
50

espécies de peixes, tartarugas e crustáceos

PRESENÇA

Bacia Amazônica (Peru, Colômbia, Equador, Venezuela, Guiana, Bolívia e Brasil).

No Brasil se encontra nas bacias dos rios Amazonas, Branco, Negro, Madeira, Tapajós e Xingu.



© Adriano Gambarini / WWF-Brasil

"DESDE 2014 FIZEMOS TRÊS ESTIMATIVAS POPULACIONAIS DE BOTOS AMAZÔNICOS NO RIO TAPAJÓS, E CONSTATAMOS QUE AS POPULAÇÕES DE BOTO-COR-DE-ROSA E TUCUXI ESTÃO EM DECLÍNIO."

Mariana Paschoalini Frias,
Analista de conservação do WWF-Brasil

TUCUXI

Sotalia fluviatilis

De corpo fusiforme e nado rápido, o tucuxi navega pelas áreas mais profundas dos rios, evitando aproximar-se muito das margens. Não possui flexibilidade tal qual o boto cor-de-rosa e suas estratégias de pesca são em formações de grupos acurralando grandes cardumes, não tendo hábito de recorrer as redes de pesca para capturar peixes. No entanto, ao navegar pelo rio, acaba encontrando redes de pesca das quais se emalha e não consegue se desvencilhar, resultando em afogamento.

© Fernando Trujillo / Fundacion Omacha

ALIMENTAÇÃO

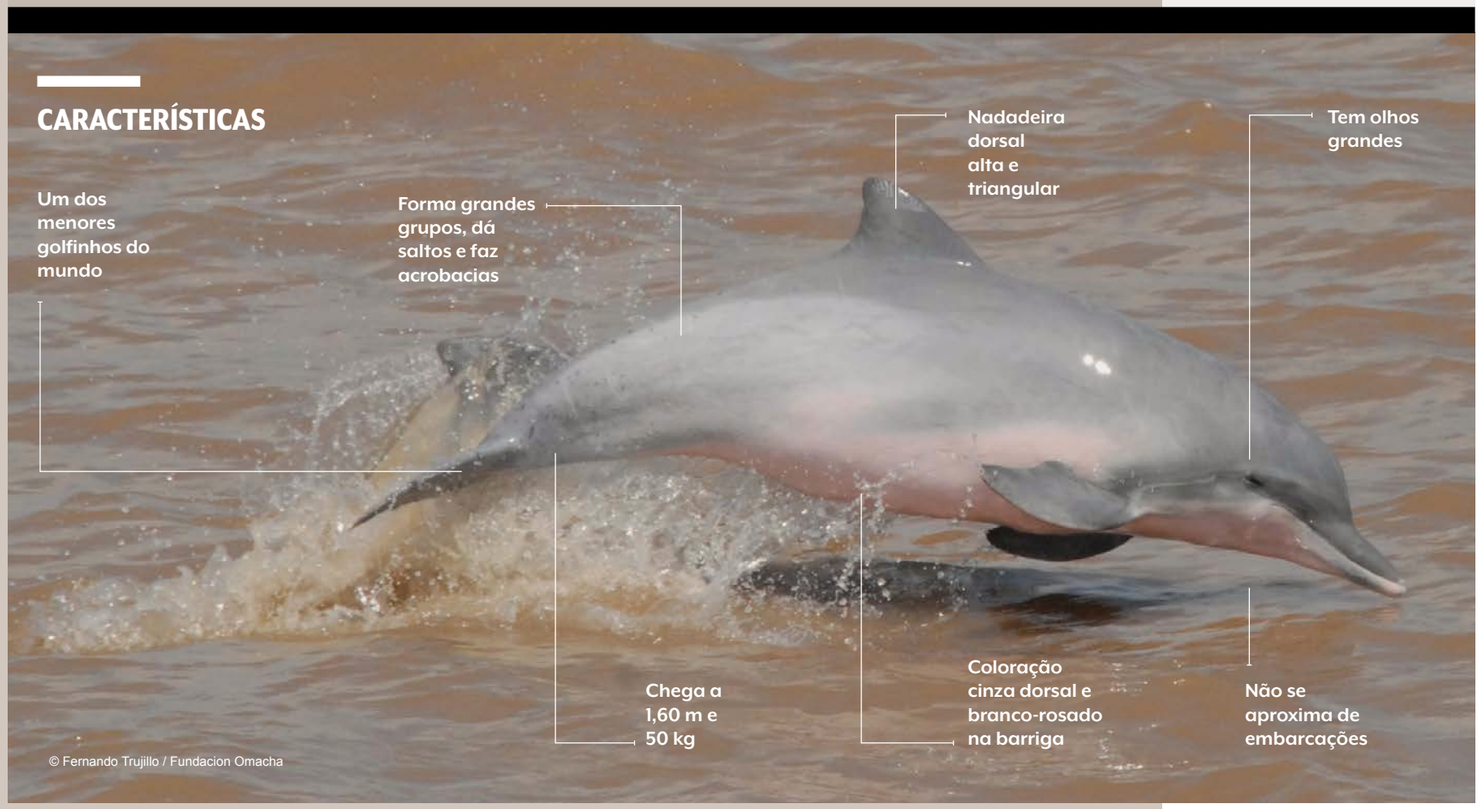
30

espécies
de peixes

PRESENÇA

Rio Amazonas e
afluentes no Brasil,
Peru, Equador
e Colômbia

CARACTERÍSTICAS



© Fernando Trujillo / Fundacion Omacha

PELA SOBREVIVÊNCIA DE BOTOS E HUMANOS

Entendendo que a presença dos botos indica o equilíbrio ecossistêmico e que a espécie, assim como os seres humanos, tem sofrido graves consequências da degradação ambiental, o WWF-Brasil desenvolve, desde 2021, junto com organizações parceiras, projetos de diagnóstico de conflitos e promoção da coexistência entre as duas partes (método conhecido como C2C).

Com base na metodologia internacionalmente reconhecida pela União Internacional para Conservação da Natureza (IUCN), o C2C – do Conflito para Coexistência (em inglês Conflict to Coexistence) consiste no diagnóstico para compreender as circunstâncias em que os conflitos ocorrem em cada localidade, a frequência e a reação a eles. Isso envolve identificar as especificidades de ocupação da região, como se dá a convivência dos humanos com as espécies, bem como as medidas mais eficazes para que a coexistência possa se dar de forma harmoniosa – pois a sobrevivência das duas espécies importa igualmente – e para que este conhecimento possa ser replicado para mais pessoas, comunidade e regiões.

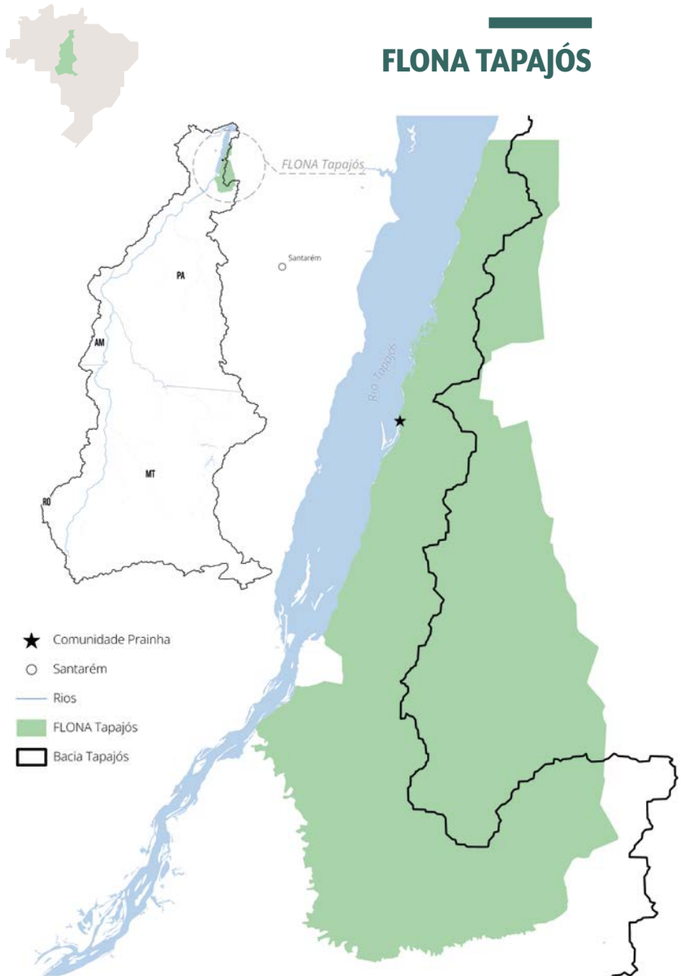
Essa abordagem C2C foi aplicada pela primeira vez para mitigar o conflito entre comunidades ribeirinhas situadas na Floresta Nacional do Tapajós (FLONA) e os botos amazônicos no baixo rio Tapajós, mostrando resultados positivos e promissores. Nesta publicação, apresentamos e explicamos as etapas e conquistas dessa experiência, bem como as lições aprendidas. Além disso, destacamos as boas práticas de convivência entre pescadores e pescadoras com os botos amazônicos e seus habitats; jogamos luz sobre outras áreas e eixos de conflito que afetam os botos amazônicos já mapeadas e o potencial para desenvolvimento de ferramentas C2C adaptados à cada realidade.

Espera-se, assim, que esse conhecimento possa ser divulgado, ampliado e bem reproduzido, alavancando novas iniciativas dentro e fora do Brasil para a promoção da coexistência entre humanos e botos amazônicos, consequentemente contribuindo para a conservação das espécies e dos rios.

A PRESENÇA DOS BOTOS INDICA O EQUILÍBRIO ECOSSISTÊMICO E A ESPÉCIE, ASSIM COMO OS SERES HUMANOS, TEM SOFRIDO GRAVES CONSEQUÊNCIAS DA DEGRADAÇÃO AMBIENTAL

EXPERIÊNCIA PIONEIRA NA FLONA TAPAJÓS

O Rio Tapajós é um dos maiores afluentes do rio Amazonas e sustenta uma rica biodiversidade aquática e terrestre. Especificamente a **FLONA do rio Tapajós** é uma área de grande importância de conservação, sendo pioneira em projetos desenvolvidos pelas comunidades tradicionais que ali vivem: manejo pesqueiro e florestal, turismo e agroextrativismo. Desde 2014, o WWF-Brasil atua na bacia do rio Tapajós investigando as populações de golfinhos de rio e suas interações ecológicas, sendo um dos poucos rios onde um conjunto de ações permitiu acessar dados holísticos das populações de boto-cor-de-rosa e tucuxi: estimativas populacionais (número de botos e tucuxi na região), uso do habitat e deslocamento via monitoramento por telemetria satelital, análise de contaminação por mercúrio e diagnóstico de interação com a pesca. Isso possibilitou entender diferentes aspectos ecológicos e comportamentais, além do nível de ameaças a que os animais estão sujeitos.



Nessa região o conflito ocorre principalmente com as comunidades ribeirinhas, que têm suas redes de pesca destruídas e o pescado fonte de subsistência e renda, comido pelos botos, majoritariamente o boto cor-de-rosa *(Inia geoffrensis)*. A situação frequentemente resulta na perda do material de pesca gerando danos financeiros e alimentares para as comunidades e na morte do animal, seja pelo abate ou por afogamento *(bycatch)*.

Dado o contexto das interações mapeadas, desenvolveu-se o projeto em parceria com Sociedade para a Pesquisa e Proteção do Meio Ambiente (Sapopema) que teve início em março de 2023 na cidade de Santarém, estado do Pará, por meio da oficina de Planejamento de Ações de Mitigação de Conflitos entre Humanos e Golfinhos de Rio Amazônicos no Baixo Tapajós. A primeira oficina C2C com foco em botos amazônicos.

A oficina contou com 18 participantes, representantes dos setores acadêmico, governamental e não-governamental, incluindo colônias de pescadores e movimento indígena. A partir do diagnóstico realizado sobre interações humano-boto, partes interessadas, e do sistema socioecológico da região, é que se desenvolveu o plano de mitigação de conflitos, ou para coexistência, além de critérios para posterior avaliação dos resultados das ações a serem empreendidas.

“DENTRO DA PREOCUPAÇÃO COM A CONSERVAÇÃO AMBIENTAL, A GENTE TEM A PREOCUPAÇÃO COM AS PESSOAS QUE ESTÃO NOS TERRITÓRIOS. PORQUE SE O AMBIENTE É DEGRADADO, ELAS SÃO AS PRIMEIRAS QUE SOFREM.”

Neriane Nascimento,
Bióloga da Sapopema

© Gerdeson Oliveira / WWF-Brasil

© Gerdeson Oliveira / WWF-Brasil

Os participantes da oficina discutiram as formas de interação entre humanos e os botos e seus impactos, utilizando como método a abordagem de sistemas complexos de relações.

O TESTE COM *PINGERS* COM A COMUNIDADE PRAINHA I

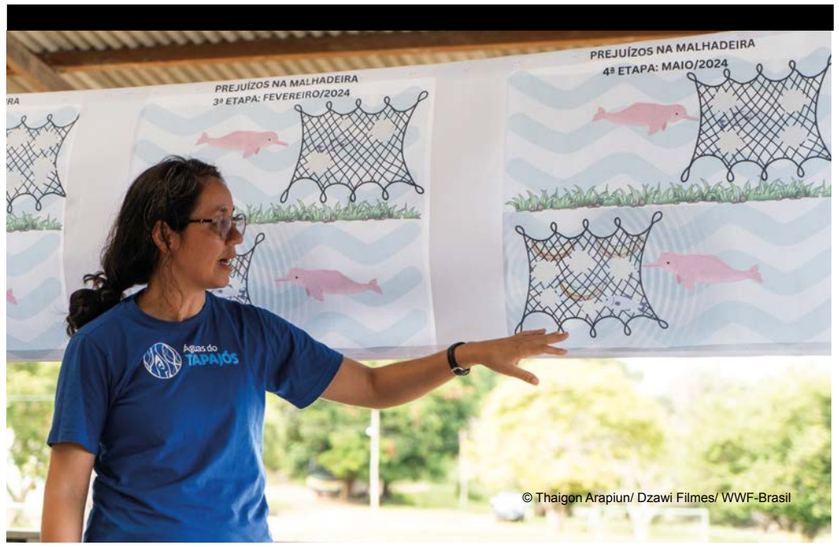
Uma das ferramentas potenciais identificadas na oficina de Planejamento de Ações de Mitigação de Conflitos entre Humanos e Golfinhos de Rio Amazônicos no Baixo Tapajós para promover a coexistência entre humanos e botos é um dispositivo dissuador acústico chamado *pinger*. **Ao ser instalado nas redes de pesca, o *pinger* emite ondas sonoras de alta frequência, sobrepondo-se à comunicação das espécies de botos, gerando um alerta que comumente é entendido pelos animais como de não aproximação.**

Esse equipamento já é utilizado nos rios do Camboja, Indonésia e Índia desde 2021, locais onde outras espécies de golfinhos de rio habitam, e, mostraram ótimos resultados na redução completa dos eventos de emalhes e de *bycatch* (morte acidental), e aumentando a produtividade da atividade pesqueira, ou seja, o número de peixes capturados pelos pescadores. Um ganho para ambos pescadores e espécies de golfinhos de rio dessa região da Ásia, e, um exemplo a ser replicado em outros países.

O *pinger* é uma ferramenta de potencial mitigação que emite uma frequência sonora que ajuda afastar os botos, evitando o conflito entre pescadores e botos.

No Brasil, o projeto teve início especificamente na comunidade de Prainha I em 2023, na margem direita do rio na FLONA Tapajós, entre um conjunto de ilhas que aumenta a produtividade de habitats e recurso pesqueiro. A comunidade Prainha I abriga 34 famílias as quais muitas tem na pesca seu sustento e atividade comercial principal, consequentemente apresentando uma percepção negativa em relação a presença de botos. Nesse cenário, o primeiro passo foi a realização de um diálogo sobre conflito e promoção de ferramentas de coexistência, para conscientizar os moradores sobre a presença do animal, as ameaças à sua sobrevivência e sua relevância para a saúde do rio, da floresta e das pessoas.

Com a abertura do diálogo foi também apresentado o *pinger* como a ferramenta de potencial mitigação do conflito pesqueiro com os botos, bem como a forma correta de instalação nas malhadeiras, a metodologia de uso e a discussão sobre os pontos de pesca mais utilizados pela comunidade. A partir do mapeamento conjunto das áreas de pesca, tipos de redes mais utilizados e espécies alvo da pescaria, desenhou-se o projeto de monitoramento participativo da eficiência do uso de pingers na redução do conflito. Os pescadores voluntários trabalharam com as equipes técnicas em testes práticos para avaliar a frequência de aproximação dos botos às redes de pesca com uso de *pingers*, os danos gerados às redes de pesca e a quantidade de peixes capturados.



Abordagem visual empregada pela SAPOPEMA para socializar os resultados e interpretações dos testes de *pingers* com a comunidade.

Acesse o QR Code para ver o vídeo "Pescadores da comunidade testam tecnologias para Coexistência com Botos no Tapajós"

"AO LONGO DOS ANOS, A COMUNIDADE TEM SOFRIDO COM A PRESSÃO DA PESCA COMERCIAL, QUE ESTÁ REDUZINDO O RECURSO PESQUEIRO, E ISSO AFETA TODA UMA CADEIA: O PEIXE, O BOTO E O PESCADOR."

Mariana Frias,
Analista de Conservação do WWF-Brasil

RESULTADOS E LIÇÕES APRENDIDAS

Os botos de ambas as espécies, cor-de-rosa e tucuxi, se afastaram das redes. Registrou-se 40% de redução nos danos às malhadeiras causados pelos botos cor-de-rosa e o aumento, em até três vezes, na quantidade de pescados. Nenhum evento de emalhe ou *bycatch* foi documentado para ambas as espécies. Para os tucuxis o resultado foi ainda melhor, uma vez que eles evitaram as áreas com a presença de *pingers* em mais de 200 metros de distância dos equipamentos. Isso indica que houve resposta positiva de percepção do ruído e que a ferramenta pode contribuir muito para evitar emalhes acidentais, mantendo os animais longe das áreas de risco (zonas de pesca das comunidades).

A redução na aproximação e interação do boto cor-de-rosa com as redes, demonstra que essa espécie é depredadora, ou seja, que busca ativamente o peixe na rede. Ainda assim, a redução é positiva e resulta em ganho para as comunidades na quantidade de peixes e no protagonismo das mesmas em trabalhar em soluções adequadas para o manejo de conflitos.

Um grande avanço da abordagem C2C foi a mudança significativa da percepção negativa da comunidade sobre o boto cor-de-rosa e da compreensão sobre a necessidade de convivência harmoniosa, coexistência. A ferramenta C2C promove o maior conhecimento sobre as espécies, aproxima os conhecimentos tradicionais locais e as dificuldades das relações humano-fauna a um modelo de gestão mais participativo e holístico. Isso facilita a troca de conhecimentos, o reconhecimento e a valoração do boto como parte do mesmo ecossistema do qual pescadores e pescadoras estão inseridos, assim como o peixe.

A ampliação do uso do *pinger* a mais áreas pode beneficiar ainda mais comunidades do baixo Tapajós e a conservação das espécies de boto, alcançando mais pescadores nos arredores, com experimentos em maior escala e a longo prazo. Esse modelo pode ser também testado em outras regiões Amazônicas, avaliando as respostas das populações de botos e pescadores à utilização dos *pingers* e/ou outros métodos e alternativas de promoção da coexistência.

Os botos de ambas as espécies se afastaram das redes

Registrou-se

40%

de redução nos danos às malhadeiras causados pelos botos cor-de-rosa

e o aumento, em até

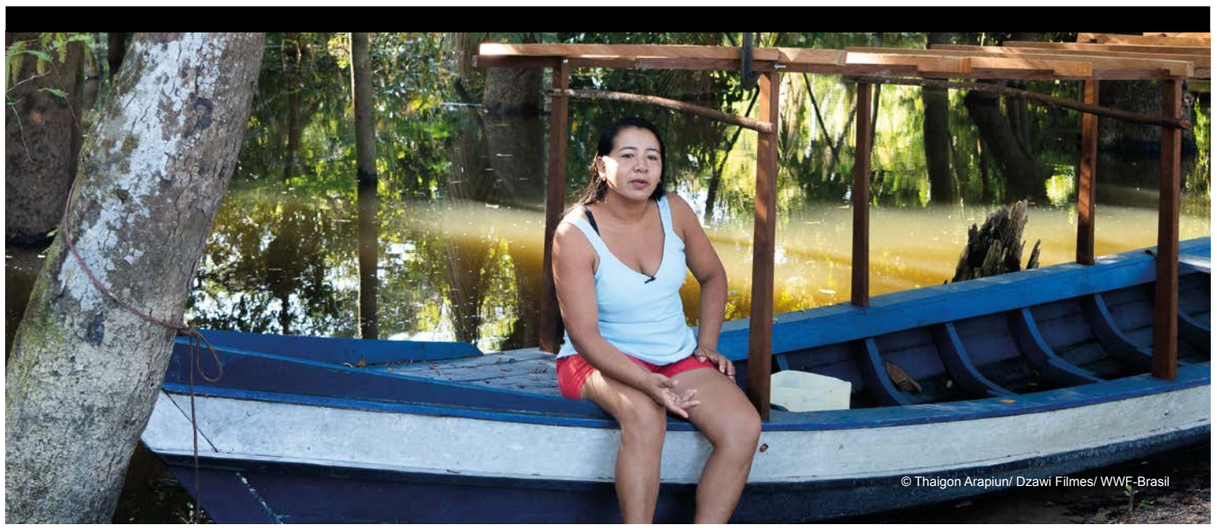
3X

na quantidade de pescados

© Thaigon Arapiun/ Dzawi Filmes/ WWF-Brasil

“O SENTIMENTO DE CENTENAS DE PESSOAS ERA DE ACABAR COM OS ANIMAIS, PORQUE DÃO MUITO PREJUÍZO. O PEIXE ENTRA NA REDE, ELE RASGA E LEVA. ÀS VEZES A GENTE PASSA FOME. MAS APÓS O PROJETO ISSO MUDOU”

Dionildo Farias,
pescador da comunidade Prainha I
e assistente de campo



© Thaigon Arapiun/ Dzawi Filmes/ WWF-Brasil

“AGORA EU ESTOU RECONHECENDO QUE O BOTO É IMPORTANTE PARA O RIO. ONDE ELE ESTÁ, A GENTE SABE QUE LÁ TEM PEIXE. QUEREMOS PESCAR SEM MACHUCAR O BOTO.”

Juliana Sousa,
pescadora da comunidade Prainha I.

BACIA TOCANTINS-ARAGUAIA:

AÇÕES DE COEXISTÊNCIA PARA UMA NOVA ESPÉCIE AMEAÇADA

Descrita em 2014, o *Inia araguaiaensis* é a única espécie 100% brasileira de boto de rio e altamente impactada por fragmentação populacional.

Coexistir é existir junto, em um mesmo local, com o mínimo de conflitos. Para que seja possível a coexistência entre botos e seres humanos, é necessário um olhar compreensivo e abrangente sobre o território, que busque entender seu uso e ocupação e os possíveis pontos de confronto entre essas espécies. Essas situações são influenciadas por elementos como políticas públicas, presença ou ausência de ações de prevenção e mitigação, nível de entendimento do conflito e seu monitoramento contínuo.

Cada região apresenta questões distintas, que demandam intervenções diferentes. Daí a importância de atuar a partir de uma visão sistêmica dos territórios que inclua um diagnóstico de campo detalhado sobre os conflitos e os seus motivos, combinado com uma metodologia de planejamento participativo e estruturada para a coexistência.

BOTO DO ARAGUAIA EM ROTA DE EXTINÇÃO

Descrita em 2014 como uma nova espécie de golfinho de rio, o **boto-do-Araguaia** *(Inia araguaiaensis)* habita a bacia do Tocantins-Araguaia na transição entre o bioma amazônico e o Cerrado, sendo a única espécie 100% brasileira. Acredita-se que sua população seja de cerca de 2 mil indivíduos, em um ambiente já muito fragmentado e de paisagens ribeirinhas alteradas, o que leva a espécie a uma categoria de vulnerável a extinção.

Entre 2021 e 2024, após uma série de expedições ao longo de todo o curso dos rios Tocantins e Araguaia – realizadas pelo WWF-Brasil, Instituto Mamirauá, em parceria com o governo do estado de Goiás e universidades locais – elaborou-se o primeiro estudo abrangente sobre a espécie e suas ameaças.

Na bacia do Tocantins-Araguaia, duas localidades foram identificadas como estratégicas para a realização de diagnósticos de conflitos e ações para coexistência. Uma delas é a do Médio Araguaia (GO), onde ocorre turismo recreativo com foco na pesca esportiva. O conflito acontece durante todo o ano, mas se intensifica durante a alta temporada de pesca devido ao declínio histórico do estoque pesqueiro. E por isso, os botos são vistos como “pragas”, pois buscam alimento fácil nas redes e linhas de pesca. Situações que levam a eventos de retaliação direta aos animais.

Outros problemas graves ameaçam a vida do boto-do-Araguaia como a contaminação da água por dejetos agrícolas e escoamento de agrotóxicos, o estresse hídrico provocado pela captação de água por bombas de irrigação, a alta fragmentação populacional entre 7 hidrelétricas já construídas no rio Tocantins e o alto

tráfego de embarcações de pesca durante alta temporada de turismo.

Diante desse cenário, a Rede pela Conservação do boto-do-Araguaia (REBOTO) formada pelo WWF-Brasil e pelas Secretarias de Estado do Meio Ambiente (SEMAS e SEMAD) dos estados de Goiás, Mato Grosso, Pará e Tocantins em conjunto com a sociedade civil e acadêmica prevê estratégias de intervenção na região do Araguaia para a realização de oficinas C2C com o objetivo de diagnosticar melhor as características dos conflitos, engajar atores interessados e promover ações de mitigação do conflito e promoção da coexistência humano-boto.

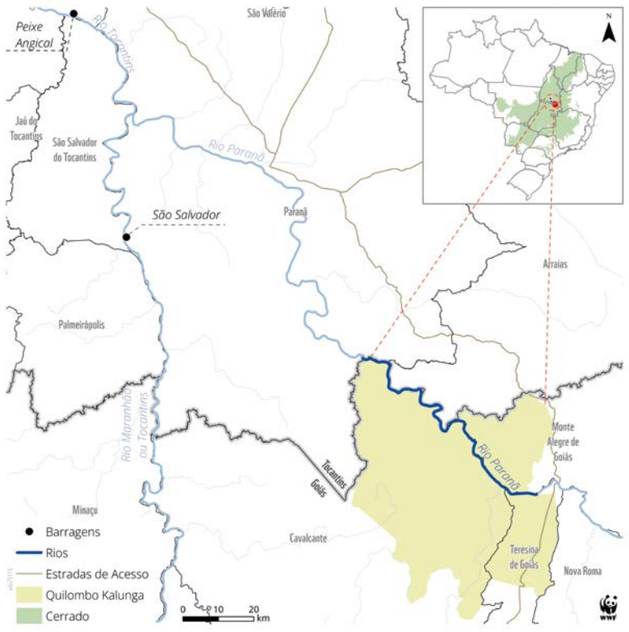
A outra localidade de intervenção e aplicação das metodologias para coexistência com botos é o Território Quilombola Kalunga, uma área de 262 mil hectares de Cerrado protegido no estado do Tocantins. Por essa paisagem corre o Rio Paranã, dentro das cabeceiras das águas do Cerrado Brasileiro. Nessa região os botos são mais admirados e integrados à cultura local, apresentando a oportunidade de expansão da causa de coexistência por meio de práticas ecológicas e responsáveis de observação turística.

O território Kalunga e o rio Paranã desempenham papéis fundamentais na conservação ambiental e na valorização sociocultural do Cerrado brasileiro. O território Kalunga, localizado no nordeste de Goiás, é o maior território quilombola do Brasil e abriga comunidades descendentes de africanos escravizados que resistiram e se estabeleceram em áreas remotas do Cerrado. Sua importância se destaca pela preservação da biodiversidade, a prática do extrativismo sustentável, reconhecimento da área como patrimônio cultural e histórico, e, pela proteção das nascentes do Cerrado, como o rio Paranã, afluente do rio Tocantins.

O rio Paranã é um dos principais cursos d'água que cortam o território Kalunga e possui grande relevância ecológica e socioeconômica: fertilização do solo em suas margens, as quais são utilizadas para a plantação de roças de vazantes; conectividade ecológica, pois conecta diferentes ecossistemas do Cerrado; alimentação da bacia Tocantins-Araguaia, sendo essencial para integridade hídrica de uma das maiores bacias hidrográficas do Brasil.

O Rio Paranã e o território Kalunga são área de ocorrência, uso e refúgio para o

TERRITÓRIO QUILOMBOLA KALUNGA



"O ARAGUAIA É O UM RIO DE LIVRE FLUXO, COM PLANÍCIE DE INUNDAÇÃO E CARREAMENTO DE SEDIMENTOS, O QUE O TORNA PRODUTIVO E RICO EM BIODIVERSIDADE. ASSIM, A PRESENÇA DOS BOTOS INDICA ONDE TEM MAIS PEIXE E NÃO O CONTRÁRIO, COMO PENSAM OS PESCADORES."

Mariana Frias,
Analista de Conservação do WWF-Brasil

© Cristiane de Moraes / Unievangélica

Nas águas transparentes do Rio Tocantins, a espécie aparece como símbolo de resiliência e persistência em um ambiente altamente modificado pelas atividades humanas.

Boto-do-Araguaia. O Rio Paranã desagua no rio Tocantins entre as hidrelétricas de Peixe-Angical e São Salvador, oferecendo uma área de livre fluxo para dispersão sazonal da espécie que utiliza dos recursos alimentares da região (peixes) e escassos no lago entre a hidrelétricas.

Em seus 200 km de curso pelo território Kalunga, antes de se encontrar com o rio Tocantins, o rio Paranã é cheio de corredeiras, poços e remansos onde os botos-do-Araguaia são frequentemente avistados pelas comunidades ribeirinhas e fonte de interesse e curiosidade da população local e de turistas que frequentam a região. Combinando o potencial turístico local com o protagonismo da população Kalunga em atividades e projetos de conservação, o local se torna um referencial para o desenvolvimento do turismo de base comunitária para observação responsável do boto-do-Araguaia, fomentando sua conservação, elevando seu conhecimento e apropriação cultural pelas comunidades ribeirinhas e turistas. Uma ferramenta C2C para promoção da coexistência, o turismo de base comunitária com práticas responsáveis e guias de treinados representa um complemento de renda para moradores locais, adiciona experiência à jornada turística e protege a espécie.

O projeto de turismo com botos no Rio Paranã é uma parceria com a Associação Quilombola Kalunga (AQK), trazendo a ferramenta de coexistência dentro de um diálogo intercultural uma aliada estratégica e indispensável na compreensão dos saberes locais, a proteção dos direitos culturais, diagnóstico socio territorial e a sustentabilidade a longo prazo de um turismo de base comunitária. O turismo de base comunitária é reconhecido mundialmente como ferramenta de conservação e geração de renda.

Em três etapas definidas, o projeto faz o diagnóstico dos limites de ocorrência da espécie no rio Paranã, identificação das comunidades próximas aos locais de maior concentração de grupos de botos, a construção/treinamento das melhores práticas de observação de botos para incorporação do atrativo dentro das atividades turísticas já realizadas no território.

PRINCIPAIS AMEAÇAS AOS GOLFINHOS DE RIO NO BRASIL

GARIMPO ILEGAL

Na extração ilegal do ouro, os garimpeiros descartam mercúrio no solo e na água, contaminando o meio ambiente, fauna, flora e as pessoas que se alimentam dela.

CAÇA ILEGAL

Em algumas regiões da Amazônia, os botos são caçados ilegalmente para a venda de sua carne e gordura como isca para a pesca de piracatinga; também há aqueles que capturam os botos para usar seus olhos, gordura, dentes e partes genitais para produzir amuletos e outros objetos místicos.

DESMATAMENTO E EROSÃO

Sem cobertura vegetal, a chuva carrega detritos mais facilmente para as águas, e o nível de oxigênio no ambiente aquático fica desequilibrado, o que afeta a flora e a fauna local.

O desmatamento impacta as espécies de peixes que se alimentam de frutos e folhas que caem das árvores e dos insetos que habitam esse tipo de ambiente.

Búfalos e bovinos criados às margens dos rios pisoteiam o terreno provocando sua erosão.

Agrotóxicos usados nas plantações também chegam aos rios, envenenando a água e os animais e plantas que nela vivem.

O desmatamento reduz os corpos hídricos, além de provocar mudanças climáticas.

REDES

Os botos podem ficar presos em anzóis e redes de pesca. Dessa forma morrem por não conseguir subir à superfície para respirar, ou em conflito direto com o pescador.

HIDRELÉTRICAS

Usinas hidrelétricas fragmentam o fluxo dos rios e a migração dos animais que neles vivem. Isso reduz a oferta de alimentos para os botos e outros animais, incluindo os humanos. Isolados, grupos de botos acabam acasalando entre si, o que leva ao empobrecimento genético, deixando os animais fracos e sujeitos a doenças.

BOAS PRÁTICAS PARA EVITAR E REDUZIR CONFLITOS HUMANOS-BOTOS

© Thaigon Arapiun/ Dzawi Filmes/ WWF-Brasil

1

Entender que o rio é a casa dos botos e sempre foi, mesmo antes de os humanos habitarem as terras ao redor.

2

Os peixes são alimento para seres humanos e botos. Por se alimentar de uma grande variedade de espécies de peixes, os botos fazem o controle populacional dos cardumes, além de parasitos e outras fontes de doenças que os peixes podem transmitir.

3

Evitar o uso de malhadeiras fechando as bocas de igarapé, lagos e canais.

4

Evitar pescar nos locais e horários de maior atividade dos botos. Não havendo essa possibilidade, deve-se adotar estratégias de pesca adequadas, como o uso de *pingers* ou da pesca com rede assessória de cerco.

5

Preservar as florestas ribeirinhas para garantir um rio produtivo e com alimentos para todos.

© Shutterstock

6

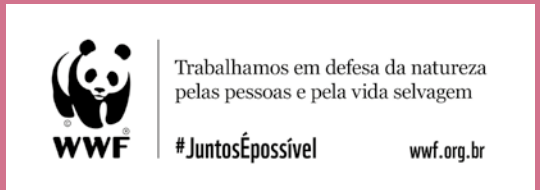
Em caso de enredamento de botos, soltar os animais utilizando as técnicas fornecidas pelos especialistas.

7

Cobrar dos órgãos ambientais fiscalizadores o cumprimento do acordo de pesca e sua fiscalização, para que não haja redução do estoque pesqueiro.

8

Pescar apenas o necessário para o consumo e renda da família.



© 2025. Papel 100% reciclável.

© 1986 – Símbolo Panda WWF – Fundo Mundial para a Natureza (também conhecido como Fundo Mundial para a Vida Selvagem) ® "WWF" é Marca Registrada WWF. WWF-Brasil: CLS. 114 Bloco D 35 CEP: 70377-540 Asa Sul, Brasília/DF.

Para informações de contato e maiores informações, favor acessar nossa página em wwf.org.br